

Umberto Galimberti: Um filósofo tecnopessimista?

RESUMO

Na obra *Psiche e Techne* Umberto Galimberti afirma que a Técnica se tornou o Absoluto da condição humana. Assim, para esse filósofo da técnica italiano, o ser humano moderno, vivendo na Idade da Técnica, acabou reduzido à condição de mera extensão (ou meio) do aparato técnico. Este artigo busca (1) situar o pensamento de Galimberti no cenário contemporâneo da Filosofia da Tecnologia italiana, (2) abordar como a visão galimbertiana apropria-se de ideias de Heidegger, Nietzsche e Severino e (3) discutir se é apropriado considerar Galimberti como um filósofo tecnopessimista. Conclui-se que Galimberti reconhece como algumas capacidades humanas (adaptação, antecipação e imaginação) podem restaurar nossa condição de sujeitos, e não objetos da alienação tecnológica.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da Tecnologia. Umberto Galimberti. Técnica como Absoluto. Tecnopessimista. Idade da Técnica.

Rafael Diniz Lanza

rafalanza@gmail.com

0009-0005-0186-5924

Centro Federal de Educação Tecnológica
de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo
Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Luiz Henrique de Lacerda

Abrahão

luizlacerda.abrahao@gmail.com

0000-0002-7294-8576

Centro Federal de Educação Tecnológica
de Minas Gerais, CEFET/MG, Belo
Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
Instituto Federal de Minas Gerais -
IFMG, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil.

1 INTRODUÇÃO

A Filosofia da Tecnologia (doravante FdT) é comumente - embora não unanimemente - tratada como uma subárea relativamente recente da Filosofia (FRANSSEN; LOKHORST; VAN DE POEL, 2021). Ela teria nascido com a publicação, em 1877, da obra *Grundlinien der Philosophie der Technik*, escrita por Ernst Kapp (1808-1896), e institucionalizada cerca de um século depois, primeiro com a fundação da *Society for Philosophy of Technology* (1977), e, depois, com o lançamento da série editorial *Research in Philosophy of Technology* (1978) (FERRÉ, 1995, p. 9-10). Entretanto, mesmo contando com pouco mais de cem anos de existência, costuma-se dividir o desenvolvimento da FdT em, pelo menos, duas etapas distintas: a 'clássica', do final do século XIX até meados do século XX, e a 'empírica', iniciada em torno dos anos 1980 e ainda em vigor. Verbeek (2022) ajuda a entender a diferença entre elas:

Nos anos 1980 a filosofia da tecnologia também começou a desenvolver conexões mais próximas com a realidade concreta, empírica dos artefatos, sistemas e processos tecnológicos. Com vistas a analisar melhor a tecnologia, muitos filósofos decidiram não poderiam partir apenas da tradição filosófica, mas, isso sim, de uma compreensão mais ligada à tecnologia ela mesma e às efetivas relações dela com os seres humanos e a sociedade (VERBEEK, 2022, p. 35).

No fundamental, essa leitura converge com a narrativa de Achterhuis (2001, p. 6), a qual alude a uma espécie de **americanização** da FdT. A migração dela da Europa para os Estados Unidos teria ocorrido após filósofos estadunidenses - herdeiros mais ou menos diretos da tradição pragmatista - passarem a considerar que as concepções **clássicas** a respeito da tecnologia seriam insatisfatórias para explicar tópicos centrais daquele campo do conhecimento (IHDE, 1998). Assim, Martin Heidegger (1889-1976) ou Hans Jonas (1903-1993), por exemplo, não teriam muito a dizer sobre a metodologia do *design* tecnológico ou sobre a dimensão epistemológica das engenharias. Afinal, em seus respectivos *A questão da Técnica* (conferência proferida em 1953) e *O Princípio Responsabilidade* (1979), os dois filósofos germânicos estariam mais interessados na essência, no modo de existência ou nas questões éticas implicadas pela *Technik* moderna (MITCHAM, 1994, p. 104-105, 207; DUSEK, 2009, p. 105; CUPANI, 2016, p. 40-47;).

Coeckelbergh (2019, p. 117) frisou que a FdT ainda permaneceu por algum tempo nessa situação, qual seja, centrada no olhar ocidental sobre a tecnologia. Mas, ainda segundo o estudioso, a partir da virada para o século XXI, gradualmente, a FdT assumiu uma postura intercultural e transcultural, ou seja, começaram a aparecer publicações divulgando as reflexões filosóficas sobre a tecnologia produzidas em outros países (além dos Estados Unidos da América ou Alemanha) e em outros continentes (além da Europa e América do Norte). É por isso que, hoje em dia, já é possível conhecermos algo da FdT desenvolvida na França ou na China, no México, no Brasil, na Espanha, na Costa Rica, no Chile ou na Venezuela (MITCHAM, 1994).

Chiodo e Schiaffonati (2021) dedicaram-se, mais pontualmente, à FdT italiana e chegaram à conclusão de que essa possui três focos principais. Primeiro, as relações entre tecnologia, política e sociedade, os quais buscam compreender as especificidades da cultura ocidental no que tange ao desenvolvimento das tecnologias e impactos dela na economia e nas relações entre cidadãos e nações.

Segundo, os impactos das ações tecnológicas (ou das engenharias) no meio ambiente. E terceiro, as questões legais e éticas suscitadas pela tecnologia.

Neste texto, tem-se como foco o pensamento do filósofo da tecnologia italiano: Umberto Galimberti (1942-). Mas, o que justifica essa escolha?

Galimberti é considerado um dos mais importantes filósofos italianos da contemporaneidade, especialmente por suas profundas reflexões sobre a Técnica (VERČ, 2012, p. 127). Entretanto, o seu nome não aparece nas publicações internacionais sobre FdT¹. É ainda mais surpreendente o fato dele sequer ser mencionado nos 16 capítulos que integram o volume intitulado *Italian Philosophy of Technology*. Isto é no mínimo intrigante, dado que se trata de uma coletânea que almeja, exatamente, apresentar ao grande público “as contribuições de filósofos italianos que produziram reflexões sobre a tecnologia nas décadas recentes” (CHIODO; SCHIAFFONATI, 2021, p. 1).

Com vistas a abordar as influências e contribuições filosóficas desse pensador italiano, organiza-se esta exposição da seguinte forma: na seção 2, apresentar-se-á biografia e as linhas gerais do pensamento de Galimberti, destacando-se a sua tese da **Técnica como Absoluto**; na seção 3, realizar-se-á a exposição das influências de Friedrich Nietzsche (3.1), Martin Heidegger (3.2) e Emanuele Severino (3.3) na elaboração da mencionada tese, analisando questões acerca do impacto da tecnologia sobre a vida social, política, cultural, da moral e da ética dos cidadãos; na Conclusão, indicar-se-á que a FdT de Galimberti não abraça uma perspectiva **tecnopessimista**, apesar de sua caracterização de **Idade da Técnica** como um período de dominação técnica sobre o ser humano. Nesse sentido, o pensamento de Galimberti distancia-se daquelas três importantes referências para sua obra *Psiche e Techne: L'uomo nell'età della tecnica* [*Psiche e Techne: o homem na idade da técnica*], publicada pela primeira vez em 1999.

2 A TÉCNICA COMO ABSOLUTO: A IDADE DA TÉCNICA SEGUNDO GALIMBERTI

O filósofo e psicanalista Umberto Galimberti nasceu em Monza, na região da Lombardia, Itália. Graduiu-se em Filosofia pela Universidade Católica de Milão em 1965, tendo também frequentado a Universidade da Basileia. Em 1963, na Suíça, conheceu Karl Jaspers, que o estimulou a investigar as interconexões entre a psicopatologia e a filosofia. Em seguida, tornou-se aluno-discípulo de Jaspers, dedicando-se à tradução e à divulgação, em italiano, de obras do psiquiatra e filósofo alemão-suíço². Desde 2015 é professor emérito da Universidade Ca' Foscari de Veneza. É, ainda, membro ordinário da Associação Internacional para Psicologia Analítica, a qual desempenha importante papel nos estudos, desenvolvimento e disseminação internacional da Psicologia Analítica. Atualmente, escreve colunas para o jornal italiano *La Repubblica* sobre temas relacionados à filosofia, psicologia e questões culturais e sociais. Tem várias obras publicadas, sendo que algumas delas podem ser lidas em francês, espanhol, alemão, grego, japonês, esloveno, sérvio e português³ (GALIMBERTI, 2017).

As reflexões de Galimberti sobre o fenômeno técnico podem ser encontradas em diferentes textos: *Heidegger, Jaspers e il tramonto dell'Occidente* [*Heidegger, Jaspers e o declínio do Ocidente*] (1975); e *Invito al pensiero di Heidegger* [*Convite ao pensamento de Heidegger*] (1986). Nessas obras, o italiano apresenta os pensamentos de Heidegger e Jaspers explorando seus conceitos fundamentais e

sobre as mudanças culturais e filosóficas ocorridas no Ocidente durante o século XX, além de abordar o pensamento de Heidegger como fundamental para o pensamento filosófico contemporâneo acerca da técnica. Entretanto, o escrito de Galimberti mais relevante para a FdT parece ser *Psiche e Techne – o homem na idade da técnica* (1999), em que Cera (2017), por exemplo, encontrou argumentos para a perspectiva da adaptação do homem moderno ao sistema técnico, proposto anteriormente por Jacques Ellul (1912-1994). Aquele volumoso livro, traduzido e publicado para português em 2006, tem influenciado inclusive pesquisadores brasileiros, a exemplo de Azambuja (2017; 2022), Soares (2020), Artica, Almida e Ghedin (2023).

Azambuja (2017), Azambuja, Diehl e Chaves (2022) e Artica, Almida e Ghedin (2023) parecem concordar que um dos temas centrais de *Psiche e Techne* é a tese segundo a qual a técnica tornou-se um **Absoluto** da condição humana. Isso significa que, muito mais do que artefatos tangíveis, a técnica consiste na forma de existência do ser humano moderno. Na **Idade da Técnica** os meios técnicos assumiram o lugar dos fins e, nesse sentido, retiraram o ser humano de seu lugar de sujeito, transformando-o em objeto. Portanto, na **Idade da Técnica**, os indivíduos foram transformados em extensão do aparato tecnológico. Os trechos a seguir esclarecem essa posição do autor:

“Absoluto” significa livre de qualquer vínculo, portanto, de todo horizonte de fins, de qualquer produção de sentido, de todo limite e condicionamento. Essa prerrogativa, que o homem atribui primeiramente à natureza, e depois a Deus, agora reserva não a si mesmo, mas ao mundo das suas máquinas [...] o homem se torna decisivamente inferior, além de inconsciente da própria inferioridade (GALIMBERTI, 2006, p. 16).

[...] um absoluto que se apresenta como um universo de meios, o qual, como não tem em vista fins, mas só efeitos, traduz os presumidos fins em ulteriores meios para o incremento infinito da sua eficiência. Nessa “má infinidade”, como a chamaria Hegel, onde não existem mais atos ou objetos que não sejam “meios”, alguma coisa só tem “valor” se for “boa para alguma outra coisa”, e por isso os objetivos finais, os escopos, que na idade pré-tecnológica regulavam as ações dos homens e a elas conferiam sentido, aparecem na idade da técnica como absolutamente “insensatos” (GALIMBERTI, 2006, p. 788).

Na idade da técnica, que começa quando o universo dos meios não tem em vista nenhuma finalidade, a relação se inverte, no sentido de que o homem não é mais um sujeito que a produção capitalista aliena e reifica, mas um produto da alienação tecnológica, a qual se organiza como sujeito e faz do homem um predicado seu [...] Existindo como predicado do aparelho técnico, que se coloca como absoluto, o homem não é mais capaz de se perceber como ‘alienado’ [...] traduz sua alienação no aparato, identificando-se com o aparato (GALIMBERTI, 2006, p. 18).

A inversão da relação sujeito-objeto, em que “o homem torna-se um produto da alienação tecnológica” (GALIMBERTI, 2006, p. 447-448), é crucial na análise galimbertiana. Nesse contexto, surge a provocação técnica, na qual “o homem deixa de ser um sujeito alienado pela produção capitalista para se tornar um produto da alienação tecnológica, identificando-se com o aparato” (GALIMBERTI, 2006, p. 448). Essa metamorfose redefine o significado de **Absoluto**, “agora reservado ao mundo das máquinas, privando o homem de seu lugar de sujeito consciente” (GALIMBERTI, 2006, p. 621).

Dessa maneira, Galimberti destaca que na **Idade da Técnica** o ser humano ao “existir como predicado do aparato técnico perde a capacidade de perceber sua própria alienação, traduzindo-a na identificação integral com o aparato” (GALIMBERTI, 2006, p. 638-639). Essa condição de escravidão técnica, em que o ser humano submete-se inconscientemente à lógica da técnica como “**Absoluto**” (GALIMBERTI, 2006, p. 646), é emblemática de um nihilismo técnico que exige uma reflexão filosófica profunda sobre “o papel e o impacto da técnica na essência humana” (GALIMBERTI, 2006, p. 822). Na próxima seção aponta-se pensadores que influenciaram Galimberti na construção da sua tese de **Absoluto** da técnica, com ênfase nos aspectos das obras de Friedrich Nietzsche (1844-1900), Martin Heidegger (1889-1976) e Emanuele Severino (1929-2020) que compõem a proposta galimbertiana de que vivemos na **Idade da Técnica**.

3 ESCRAVIDÃO TÉCNICA, PROVOCAÇÃO TÉCNICA E NIILISMO TÉCNICO

Psiche e Techne fundamenta-se em um número enorme de fontes teóricas, desde autores clássicos (dentre eles, Hesíodo, Parmênides, Euclides, Santo Agostinho, Giordano Bruno, René Descartes, Galileu Galilei, Thomas Hobbes, Goethe, G. W. F. Hegel, D. Hume, I. Kant, Charles Darwin e Karl Marx) até pensadores contemporâneos (como Émile Durkheim, B. F. Skinner, M. Horkheimer, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Herbert Marcuse, Karl Popper, Günther Anders, Thomas Kuhn e outros). Com efeito, como pode-se notar pela lista de autores supracitados, no texto de Galimberti encontra-se passagens e argumentos oriundos de vários campos do conhecimento (Sociologia, Psicologia, Filosofia, Literatura, Ciências Naturais etc.). Por suposto, nem todos os nomes citados pelo italiano são tidos como fundamentais à FdT - o que não significa que eles sejam, em si, irrelevantes para essa área do saber. É o caso, por exemplo, de Sigmund Freud (1856 - 1939) e Karl Jaspers (1883-1969). Nenhum deles (até o momento, pelo menos) é tratado como canônico para a FdT; possuem, se muito, uma presença bastante discreta nos compêndios ou antologias (SCHARFF; DUSEK, 2014). Entretanto, isso não implica que as obras de Freud e Jaspers sejam filosoficamente estéreis no que tange a reflexões acerca da tecnologia (HOLLOWCHAK, 2010). O próprio Galimberti parece concordar com essa conclusão, afinal, ele recorre a escritos daqueles dois autores para debater temas seminais para a FdT, tais como: como a origem da relação humanos-artefatos ou o sentido mesmo da técnica.

Galimberti cita quase trinta trabalhos de Freud no livro que publicou em 1999. O médico e neurologista de Viena surge, por exemplo, para embasar a ideia galimbertiana segundo a qual transferimos, para nossa relação com os aparatos técnicos, um sentimento perdido de integralidade. De forma específica, trata-se de uma hipótese apresentada pelo pai da Psicanálise em *O Mal-estar na Cultura*. Nesse texto de 1929 afirma-se que, no passado, a vida psíquica dos indivíduos experimentava uma relação de total comunhão com o ambiente. Tal intimidade primária com o todo teria se perdido com o tempo, porém, não o anseio de integralidade - o qual se realizaria, segundo o italiano, nos produtos da atividade técnica. Analogamente, Galimberti debruça-se sobre alguns (mais de dez) textos de Jaspers, conquanto a leitura que faz de *Bomba atômica e o futuro do homem* (1958) mereça mais atenção. Como é sabido, um dos temas centrais dessa conferência de Jaspers é a afirmação que o sentido da técnica é dado pela unidade

do modelamento ambiental com objetivos da existência humana. Porém, segue o filósofo e psiquiatra alemão-suíço, os objetivos finais dos modelos perdem o sentido uma vez que os utensílios tornam-se cada vez mais independentes em relação às atividades. Parece ser daí que Galimberti retira a ideia de que, na **Idade da Técnica**, os meios superaram o verdadeiro fim da técnica, de forma que se tornam eles próprios os fins **Absolutos**.

Mas o autor de *Psiche e Techne* também recorre a pensadores reconhecidamente centrais para a FdT. Em Karl Marx (1818-1883), por exemplo, Galimberti encontra as bases para afirmar que, assim como os escravos romanos eram ligados às amarras de seus proprietários, e o assalariado àquelas amarras do capitalista, na **Idade da Técnica** o trabalhador está ligado “àquelas correntes que são as obras de sua mente e das suas mãos, que, enquanto prescritas pela racionalidade do sistema, parecem de todo naturais.” (GALIMBERTI, 2006, p. 647). Logo, Galimberti parte do pensador alemão para concluir que o horizonte da funcionalidade seria insuperável porque a essência da técnica está nos procedimentos prescritos pelos aparatos técnicos e, como tal, são como condições essenciais para a vida. Outro nome importante para a FdT ao qual Galimberti recorre é Arnold Gehlen (1904-1976). Nele, o italiano encontra razões para afirmar que a relação homem-máquina pode ser invertida. Assim, seria possível “dissolver o pressuposto humanista, porque lá onde a técnica, com a sua autonomia, não se limita a contrapor-se ao homem, mas é capaz de integrar o homem no aparato técnico, o que se vem a criar é um sistema homem-máquina” (GALIMBERTI, 2006, p. 538). Especificamente, Galimberti colhe essa ideia de *Anthropologische Ansicht der Technik [Técnica sob um ponto de vista antropológico]*. Nessa obra, publicada em 1965, comenta-se que a direção das ações passa à máquina, e os comportamentos humanos tornam-se, por isso mesmo, reduzidos a partes reguláveis dessa máquina.

Como vimos, Freud, Jaspers, Marx e Gehlen aparecem como fontes primárias da filosofia galimbertiana. Sem dúvida, são influências que merecem ser investigadas em pormenor. Mas, a seguir, objetivou-se identificar como as ideias de outros três filósofos embasam a tese central de *Psiche e Techne*. Especificamente, deseja-se mostrar como a ideia galimbertiana da **Técnica como Absoluto** recorre às teses da escravidão técnica, da provocação técnica e do niilismo técnico, defendidas, respectivamente, por Friedrich Nietzsche (1884-1900), Martin Heidegger (1889-1976) e Emanuele Severino (1929-2020).

3.1 Friedrich Nietzsche e a escravidão técnica

O conceito de liberdade ocupa um lugar de destaque na filosofia de Friedrich Nietzsche (1884-1900), como mostra Oaklander (1984). Guay (2002) aponta que umas das posições do filósofo sobre o tema é a ideia de que a liberdade seria um atributo de uma elite. É o que se vê, por exemplo, em *O estado grego*, ensaio nietzschiano que tematiza a experiência grega da escravidão. Como lemos nesse texto, incluído em *Cinco Prefácios para Cinco Livros Não Escritos*:

Para que haja um solo mais largo, profundo e fértil onde a arte se desenvolva, a imensa maioria tem que se submeter como escrava ao serviço de uma minoria, ultrapassando a medida de necessidades individuais e de esforços inevitáveis pela vida. É sobre suas despesas, por seu trabalho extra, que aquela classe privilegiada deve ver-se liberada da luta pela existência, para

então gerar e satisfazer um novo mundo de necessidades. A partir do que foi dito, temos que consentir em apresentar, como eco de uma verdade cruel, o fato de que a escravidão pertence à essência de uma cultura: decerto, com essa verdade, não resta mais nenhuma dúvida sobre o valor absoluto da existência (NIETZSCHE, 1996, p. 47-48).

Como se vê na passagem acima, Nietzsche sugere que “a escravidão pertence à essência de uma cultura”, isto é, a liberdade não consistiria em algo universal. Pelo contrário, ela seria reservada apenas àqueles que, na citação, são descritos como a “classe privilegiada⁴”. O trecho acima também mostra que, para Nietzsche, toda realização humana dotada de relevância histórica exigiu uma grande quantidade de privação de liberdade. É exatamente a partir dessa explicação da noção nietzschiana de **não-liberdade** como um fenômeno cultural que Galimberti avalia a situação de sujeição do ser humano na **Idade da Técnica**.

O italiano parte da noção nietzschiana de que todas as culturas humanas vivenciam uma forma de **não-liberdade**: “Portanto, não só a cultura grega, mas toda cultura, incluindo a mais avançada, por trás da imagem de uma humanidade bem-sucedida esconde a não-liberdade dos homens como sua condição” (GALIMBERTI, 2006, p. 653). Em seguida, Galimberti transpõe a questão para o domínio da relação entre liberdade e a tecnologia. Assim, ele diz que a sociedade contemporânea é de tal forma complexa que algumas limitações humanas podem ser imperceptíveis aos indivíduos e conclui que, por trás da aparente liberdade proporcionada pela técnica, há uma forma de submissão à racionalidade técnica.

A liberdade, tal como é indicada pelos gregos e por Nietzsche, explica, em sua crueldade, a matriz violenta da nossa história e o falso engano da solução hegeliana, que resolve na liberdade abstrata do gênero humano a não-liberdade concretamente existentes. Essa não-liberdade não é, de fato, como considera Hegel, traço típico de uma formação histórica como a da Grécia antiga [...], mas esse tipo de não-liberdade é uma *constante dessa vontade anônima* que encontramos na base de todas as formas de poder que forjam organizações e aparatos [...] (GALIMBERTI, 2006, p. 653).

Galimberti aceita a noção nietzschiana de **dissimulada escravidão** para considerar o **Absoluto** da técnica. Isso significa que o contexto da evolução técnica implica uma relação de submissão que afeta a liberdade humana. Em outros termos, a liberdade proporcionada pela técnica pode ser enganosa porque ofereceria apenas uma autonomia aparente. A **Idade da Técnica**, de forma oculta, comportaria formas sutis de submissão, de forma que desafia a noção tradicional de liberdade. Então, percebe-se que *Psiche e Techne* traz uma perspectiva crítica a respeito da relação entre liberdade e técnica. A obra sugere que a técnica pode aumentar a liberdade, porém, esse processo só pode ser experienciado no interior do aparato técnico. Assim, a vivência dessa liberdade seria algo “proporcional aos níveis de competência dos mecanismos do próprio aparato” (GALIMBERTI, 2006, p. 666). Para fundamentar essa ideia, Galimberti recorre ao pensamento de Nietzsche, em particular àquela forma não verdadeira de liberdade que o alemão denominou de **dissimulada escravidão**.

3.2 Martin Heidegger e a provocação técnica

Em *A Superação da Metafísica* (1936-1946) Martin Heidegger (1889-1976) aborda a complexa relação entre a vontade humana e a técnica. Ele destaca,

especificamente na seção *XXVII de Ensaios e Conferências*, como a vontade, uma vez ligada à técnica, exerce uma influência abrangente e, por vezes, prejudicial à Terra:

Só a vontade que, a toda parte, se instala na técnica, esgota a terra até a exaustão, o abuso e a mutação do artificial. A técnica obriga a terra a romper o círculo maduro de sua possibilidade para chegar ao que já não é nem possível e, portanto, nem mesmo impossível. As pretensões e os dispositivos técnicos possibilitaram o êxito de muitas descobertas e invenções. Mas isso não prova, de modo algum, que as conquistas da técnica tenham tornado possível até mesmo o impossível (HEIDEGGER, 2012, p. 85).

Para Heidegger, então, a ação técnica não produz o impossível, embora revele verdades que, de outra forma, permaneceriam ocultas. Esse é, aliás, um dos mais notáveis da influente reflexão de Heidegger acerca da essência da *Technik*⁵. Como o filósofo da *Schwarzwald* escreveu em “A Questão da Técnica”:

Técnica é um modo de desabrigar. A técnica se essencializa no âmbito onde acontece o desabrigar e o desocultamento, onde acontece a *alétheia*. [...] A *téchne* é um modo da *alétheiein*. Ela desabriga o que não se produz sozinho e ainda não está à frente e que, por isso, pode aparecer e ser notado, ora dessa, ora daquela maneira. [...] O decisivo na *téchne*, desse modo, não consiste no fazer e manejar, não consiste em empregar meios, mas no mencionado desabrigar; enquanto tal, mas não enquanto aprontar, a *téchne* é um levar à frente (HEIDEGGER, 2007, p. 381).

Galimberti acompanha essa ideia segundo a qual a essência da técnica envolve o desvelamento da verdade por meio da provocação da natureza. Essa provocação, iniciada com a provocação científica, consiste em um chamar para diante de si a transformação da natureza (já concebida como coisa à disposição do ser humano): “chamada para diante da produção técnica, a natureza se torna fundo à disposição” (GALIMBERTI, 2006, p. 547). Dessa maneira, diz Galimberti seguindo Heidegger, a natureza se torna uma fonte de verdades ocultas que devem ser desocultadas pela ação técnica. Para o filósofo italiano, enfim, a percepção da técnica como uma provocação é fundamental para “ajudar a natureza na sua ação produtiva e repropor assim a verdade como desvelamento” (GALIMBERTI, 2006, p. 547). No entanto, ainda que Galimberti concorde com a referida posição de Heidegger segundo a qual a atividade tecnocientífica procura “descobrir potencialidades ocultas” (GALIMBERTI, 2006, p. 549), ele discorda de pelo menos dois pontos defendidos pelo autor de *Ser e Tempo*.

Galimberti acredita que o ser humano possa, através da técnica, tornar possível o impossível. O seguinte excerto de *Psiche e Techne* ilustra essa separação quanto à filosofia da técnica heideggeriana:

enquanto simples desvelamento de possibilidades preexistentes, ciência e técnica permanecem inscritas na *phýsis*, como simples expressões do seu processo evolutivo. Mas então, se assim são entendidas, também o ‘impossível’, a que a ciência e a técnica aludem, torna-se “possível” (GALIMBERTI, 2006, p. 550).

Outra diferença entre os pensadores concerne à possibilidade de Deus salvar o ser humano do domínio da técnica. Para compreender essa questão convém lembrar-se que, para Galimberti, a cultura judaico-cristã prioriza o “senhorio do homem sobre o mundo”, logo, a dominação da natureza seria “a vontade de Deus”

(GALIMBERTI, 2006, p. 549). Assim, na leitura do italiano, aquela tradição enfatiza o fazer - e a ação é central para o desvelamento técnico da verdade (GALIMBERTI, 2006, p. 548). Mas, se a produção da verdade através do fazer técnico envolve “ser fiel ao ditado de Deus”, e, se na compreensão de *Psiche e Techne*, o ser humano possui “direito ao domínio” (GALIMBERTI, 2006, p. 549), resta a indagação: haveria como estabelecer limites éticos à intervenção técnica na natureza? Galimberti é explícito ao responder: “não será possível impor algum limite à técnica e aos efeitos da sua expansão” (GALIMBERTI, 2006, p. 549).

Pois bem, a perspectiva galimbertiana acerca da interconexão entre provocação da natureza, produção e técnica no interior da tradição judaico-cristã sugere que o cristianismo seria um potencializador da técnica enquanto **Absoluto**. Contudo, Galimberti sustenta que seria ilusório considerar que haveria, na crença religiosa, uma forma de “salvar a humanidade do domínio da técnica” (GALIMBERTI, 2006, p. 570) e, por conseguinte, de livrar a humanidade da real possibilidade de extinção provocada pelos avanços tecnológicos. Com isso, o autor de *Psiche e Techne* acaba por descartar respostas religiosas para o problema da técnica. “A eficiência técnica”, diz o italiano, “há muito substituiu a figura de Deus” (GALIMBERTI, 2006, p. 265-266). A passagem abaixo mostra como Galimberti se afasta da enigmática sentença heideggeriana segundo a qual somente a evocação de um Deus poderia nos salvar⁶ dos perigos e ameaças que figuram no mundo tecnificado, no qual o ser humano encontra-se desenraizado. Assim, Galimberti afirma que:

[...] nenhum "Deus pode nos salvar", como queria a ilusão de Heidegger, porque a técnica nasceu justamente da corrosão do trono de Deus. Potenciada pela religião, que havia preparado o terreno para inscrever a técnica num projeto de salvação, a técnica levou a religião ao seu crepúsculo, e com a religião, a história que nasceu da visão religiosa do mundo (GALIMBERTI, 2006, p. 570).

Em suma, *Psiche e Techne* acompanha a perspectiva heideggeriana segundo a qual a técnica realiza uma provocação da natureza. Ao destacar a produção como um elemento explicativo da verdade, da natureza e da técnica, Heidegger conduz à reflexão sobre as nuances filosóficas dessa tríade. Esse enfoque influenciou parcialmente o pensamento do filósofo italiano, embora, como demonstrado, Galimberti negue que as “ilusões religiosas possam auxiliar no enfrentamento dos desafios impostos pelo horizonte tecnológico da **Idade da Técnica**” (GALIMBERTI, 2006, p. 23-24).

3.3 Emanuele Severino e o niilismo técnico

Emanuele Severino (1929-2020) foi um filósofo italiano reconhecido por suas obras e contribuições à metafísica e à filosofia da cultura. Nascido em Brescia, Itália, Severino teve uma carreira acadêmica notável e foi uma figura influente no cenário filosófico italiano do século XX e XXI. Severino estudou filosofia na Universidade Católica do Sagrado Coração, em Milão, onde se formou em 1951. Posteriormente, continuou seus estudos na Universidade de Pavia, onde obteve o doutorado em 1954. Ao longo de sua carreira, ele lecionou em várias universidades, incluindo a Universidade de Pavia e a Universidade do Vêneto, e foi professor emérito na Universidade de Milão.

Essenza del nichilismo [Essência do niilismo] (1972) e *La filosofia futura [A filosofia futura]* (1989) estão entre as mais importantes obras de Severino. Na primeira, ele discute as origens do niilismo na filosofia ocidental e as ramificações dele na cultura contemporânea, enquanto, na segunda, o autor examina a relação entre o niilismo, a técnica e a cultura ocidental. Diz Galimberti:

Severino vê o traço niilista da cultura ocidental, que desde as suas origens pensou o ser como técnica, isto é, como potência de fazer todas as coisas ser e não ser. Escreve Severino, a propósito: A cultura ocidental não pode ter a capacidade de estabelecer um limite à agressão do ente que a técnica vai levando sempre mais fundo, [...] porque a essência dessa cultura é o niilismo metafísico, do qual a técnica é a mais radical e rigorosa realização (GALIMBERTI, 2006, p. 383).

Um dos pontos centrais dessa reflexão concerne à afirmação de que a técnica moderna representa uma realização radical do niilismo metafísico, de forma que traz uma transformação da compreensão tradicional do Ser. Pode-se dizer, com Pecoraro (2020), que, na leitura em foco, o niilismo da técnica consiste em uma fé na transitoriedade e na temporalidade dos entes, elementos chave para compreensão dos efeitos calamitosos do niilismo da técnica na vida humana.

A cultura ocidental não pode ter a capacidade de estabelecer nenhum limite à agressão do ente, que a técnica vai levando cada vez mais fundo [...] se algo não é *technikón* - isto é, se não produz ou não é produzida, ou não entra no processo de produzir-ser-produzido - então não é, ou seja, é um nada. A *anthropíne téchne* foi hoje completamente substituída pela *theía téchne*, [...] Deus e a técnica moderna são duas fundamentais expressões do niilismo metafísico (SEVERINO, 1972 p. 196-197).

Galimberti recorre a Severino para apontar a influência da ascensão da técnica na reconfiguração das percepções tradicionais sobre o **Absoluto**, anteriormente associadas à natureza e à divindade. Então, o italiano de Monza buscou explorar como a técnica, ao tornar-se uma força dominante, impacta não apenas a compreensão do tempo, mas também a própria natureza. Segundo ele, a transformação do conceito de **Absoluto** é vinculada à hegemonia da técnica que “nasce [...] como disposição do mundo” (GALIMBERTI, 2006, p. 447) e traz “a verdade como eficácia” (GALIMBERTI, 2006, p. 447) desempenhando, então, um papel central do mundo.

Na trilha aberta por Severino o autor de *Psiche e Techne* entende que o niilismo da técnica teria origem na concepção do início e do fim introduzidos pela tradição cristã. Mas, ao analisar a tese de seu compatriota italiano, Galimberti (2006, p. 315) percebeu nuances para significação de **Absoluto** à técnica no mundo contemporâneo. Ele observou que, anterior ao início e posterior ao fim, encontra-se a “relação com o nada” (GALIMBERTI, 2006, p. 315), para onde todas as coisas dirigem-se ou retornam, expressando, em outras palavras, a finitude inerente a tudo. O filósofo italiano descreveu sua interpretação da perspectiva de Severino da seguinte maneira:

Uma *phýsis* que desabrocha por si ou um *kósmos* que subsiste por si, esse primeiro último tema de todas as expressões do pensamento grego, são anulados pela hipótese criacionista e escatológica, pela qual o mundo veio do nada (*ex nihilo*) e se concluirá no nada (*ad nihilum*). O nada é o horizonte que acolhe o mundo bíblico. O seu início é o início do fim (GALIMBERTI, 2006, p. 315).

Severino mostrou que a transitoriedade e temporalidade dos entes estão intrinsecamente relacionadas ao conceito de eternidade do instante e Galimberti esclareceu que essa noção sobre o niilismo da técnica reside na “elevação do não-ser de todas as coisas ao nível de condição de seu avançar e progredir” (GALIMBERTI, 2006, p. 705). Isso porque, para o filósofo monzino, “aos olhos da técnica a transitoriedade de todas as coisas, o seu tornar-se obsoleta e ser superada, o seu não-durar, é a condição do seu existir” (GALIMBERTI, 2006, p. 705). Tudo isso revela não só o niilismo como, também, o reconhecimento do fenômeno da técnica como um **Absoluto**⁷.

Os entes da técnica trazidos por Severino não são apenas objetos físicos ou produtos das engenharias humanas. Eles são, na verdade, manifestações de uma transformação mais profunda da existência - que Galimberti trata como a “potência” (GALIMBERTI, 2006, p. 384-385) que consiste na “essência mesma da *téchne*” (GALIMBERTI, 2006, p. 384-385). Galimberti aceita a categorização de Severino para os entes, isto é técnica produtiva e técnica aquisitiva (ou *poietikè téchne* e *ktetikè téchne*), os quais estão associados a aquisições como “lucro, propriedade, caça, o conhecimento” (GALIMBERTI, 2006, p. 385). Galimberti esclarece que essas entidades técnicas se destinam ao ordenamento do que já foi produzido. Mas, para o autor de *La filosofia futura*, também seria necessário distinguir as duas técnicas: a divina (*theïa téchne*) é “responsável pelos entes da natureza” (GALIMBERTI, 2006, p. 385); e, a humana (*anthropíne téchne*), produtoras dos entes “que nas artes humanas são levados do *não-ser* para o *ser*” (GALIMBERTI, 2006, p. 385).

Galimberti reforça a concepção niilista da técnica expressa por Severino ao descrever o início da **Idade da Técnica** enquanto movimento de incremento incessante, ou seja, quando a técnica não visa mais a um fim específico, mas se desdobra sobre si mesma na busca por sua potencialização e transformação.

A idade da técnica começa quando o uso da técnica não tem mais em vista uma finalidade (nem mesmo o lucro), mas só a própria potencialização. E isso ocorre quando aparece claro que a obtenção de qualquer fim é subordinada à disponibilidade técnica, e por isso, a potencialização dessa disponibilidade termina por representar o único verdadeiro fim (GALIMBERTI, 2006, p. 446).

A filosofia de Severino é, pois, mobilizada na edificação da tese galimbertiana da técnica como um **Absoluto**. Nessa visão, torna-se inevitável a subordinação dos objetivos ideológicos à força e à eficácia do aparato, que é a própria técnica. O aparato, por si só, possui um objetivo, não ideológico, mas de aumento indefinido da eficácia e da sua capacidade de realizar qualquer tipo de objetivo⁸. Então, observa-se a profunda transformação que a ascensão da técnica exerceu sobre as percepções tradicionais do **Absoluto**, tanto que Galimberti salienta a mudança de paradigma quando a técnica deixa de visar apenas fins específicos e passa a buscar “sua própria potencialização como o único e verdadeiro fim” (GALIMBERTI, 2006, p. 446). Essa constante busca pela potencialização, tematizada por Severino, revela a natureza niilista da técnica: “uma busca incessante por aumentar sua própria eficácia, que, por sua vez, torna-se o objetivo fundamental da civilização” (GALIMBERTI, 2006, p. 446). Nesse horizonte, a tese da técnica como um **Absoluto** se inspira nas ideias de Severino sobre como as profundas transformações provocadas pela técnica redefinem a própria natureza humana.

4 UMBERTO GALIMBERTI, UM FILÓSOFO TECNOPESSIMISTA?

Existem diferentes formas de classificar os filósofos da tecnologia, sendo que a mais conhecida é aquela de Mitcham (1994) a qual distingue as Filosofias da Tecnologia dos engenheiros e dos humanistas. Basicamente, essa leitura diz que os primeiros possuem uma abordagem voltada para as operações e resoluções de problemas relacionados aos aparatos tecnológicos e os segundos tendem a uma abordagem mais reflexiva e crítica sobre as tecnologias e suas consequências sociais, culturais, éticas ou históricas (FRANSSEN; LOKHORST; VAN DE POEL, 2021, p. 252-260). Mas, antes disso, Ferré (1995) distinguia entre as filosofias da técnica “luminosas” e as “sombrias” (FERRÉ, 1995, p. 54-74). No primeiro grupo, encontram-se nomes como o de Karl Marx, e, no segundo, o de Martin Heidegger, uma das principais referências para o autor de *Psiche e Techne*.

O italiano herdou do autor de *Ser e Tempo* (1927) a ideia de provocação da natureza na óptica judaico-cristã: “é a vontade de Deus, que quer o senhorio do homem sobre o mundo [...] ser fiel ao ditado de Deus, significa [...] direito ao domínio” (GALIMBERTI, 2006, p. 549). Sendo assim, a ciência e a técnica correspondem a uma contínua **pro-vocação** da natureza, que, como se vê acima, corresponde a chamar a verdade para diante de si. Como consequência, Heidegger identificou uma predisposição de instrumentalização da natureza por parte do ser humano, o que corresponde à provocação técnica. Mas, além do filósofo alemão, a Filosofia da Técnica de Galimberti também carrega heranças de vários outros filósofos, dos quais destacam-se Nietzsche e Severino. Vê-se que Galimberti herda do autor de *Assim Falou Zaratustra* as premissas para afirmar que na Idade da Técnica, pautada pela racionalidade técnica, todas as ações consideradas livres dos humanos ocorrem, na verdade, sob a lógica do próprio aparato técnico. Então, viver-se-ia apenas sob o regime de uma **dissimulada escravidão** em relação à técnica. E, de Severino, Galimberti tomou de empréstimo a ideia do niilismo da técnica. Então, como todas as demais coisas, a técnica é transitória, e, logo, a condição mesma da existência técnica é um não durar.

Viu-se que Galimberti recorreu a essas ideias de Heidegger, Nietzsche e Severino para fundamentar a tese da **Técnica** como um **Absoluto**. Assim, a partir de *Psiche e Techne*, toma-se o conhecimento de que a técnica resolve a ausência de **fins** ao tornar-se absoluta, alterando, desse modo, o horizonte em instrumentalidade, ou seja, em artefatos com finalidade em si mesmos. Em outras palavras, na **Idade da Técnica**, onde a própria técnica manifesta-se como o derradeiro horizonte, os indivíduos perdem a capacidade de perceber objetivos não pertencentes ao aparato. Os dois trechos abaixo explicitam a proposição galimbertiana:

A esse preocupante *afinalismo* a técnica apresentou remédio, absolutizando a si mesma, isto é, fazendo do horizonte da instrumentalidade, em que a técnica se expressa, o último horizonte, de modo a tornar invisível a ausência de fins, ao ponto de extinguir essa própria exigência (GALIMBERTI, 2006, p. 789).

A tão contestada expressão de Maquiavel “o fim justifica os meios” não tem mais sentido na idade da técnica, não porque se chegou a um grau mais alto de moralidade, mas porque nenhum fim justifica mais os meios, dado que só os meios justificam os fins (GALIMBERTI, 2006, p. 789).

O conteúdo dessa tese, adicionado ao fato de Galimberti recorrer a nomes vinculados às visões sombrias sobre a tecnologia, podem causar a impressão de que a Filosofia da Técnica galimbertiana endossa uma postura **tecnopessimista**⁹. Sendo assim, o autor estaria, de certa forma, alinhado à tradição romântica que, desde o século XVIII, enfatiza exclusivamente os aspectos “problemáticos e perniciosos” da tecnologia, nos termos de Dusek (2009, p. 9). Mas essa interpretação seria adequada?

Nessa leitura, identificou-se que o filósofo italiano destaca as capacidades humanas de **adaptação**, **antecipação** e **imaginação** como formas para contrapor-se ao **Absoluto** da técnica. Essas são as ferramentas com as quais a humanidade serve-se para poder despertar da alienação imposta pela técnica que, como visto, nesse ponto já transformou os “meios em fins” (GALIMBERTI, 2006, p. 18) e mudou os rumos da própria de técnica garantindo a sobrevivência da espécie humana e sua evolução na Terra. Portanto, como espera-se indicar, não seria correto atribuir a Galimberti o rótulo de tecnopessimista.

Primeiro, Galimberti aponta que a técnica ocupa por completo uma lacuna da incompletude instintiva do homem. Isso significa que ela oferece meios que “recortam [...] um mundo para o homem” (GALIMBERTI, 2006, p. 828) e é esse recorte técnico, o qual compensa a carência biológica da espécie humana, que assegura a sua sobrevivência na Terra. Consoante o autor:

Dizer, a essa altura, que a técnica é a essência do homem significa, de um lado, dizer que, dada a insuficiência da própria dotação natural, sem o fazer técnico, o homem não teria sobrevivido, e, do outro, que, para compensar a sua carência biológica, o homem dispõe de uma plasticidade na adaptação, e por isso se poderia dizer, com Gehlen, que o homem não simplesmente “vive”, mas “conduz sua vida”, que “no mundo toma posição”, por meio de procedimentos de seleção e estabilização com que atinge “culturalmente” aquela seletividade estabilidade que o animal possui “por natureza” (GALIMBERTI, 2006, p. 828-829).

Nesse sentido, a visão de Galimberti sobre as sociedades pré-tecnológica sugere que, mesmo antes do advento da tecnologia moderna, a capacidade humana de **adaptação** era evidente. A técnica, naquele contexto, era uma forma de extensão natural do homem que garantiu a sobrevivência da espécie na medida que possibilitou a criação ativa de um ambiente adequado às suas necessidades.

[...] isso significa, de um lado, que o aparato técnico pode evitar aquelas formas explícitas de obrigação que nas sociedades pré-tecnológicas eram exigidas para se obter a adaptação, e, do outro, que os indivíduos, para se inserirem no aparato, podem prescindir de esforços explícitos de adaptação (GALIMBERTI, 2006, p. 752).

Segundo, Galimberti confia na capacidade humana de **antecipação**, habilidade de antecipar cenários hipotéticos, atribuindo um significado para a interação humana com o mundo. O italiano reconhece que o principal desafio para a humanidade está na perda (especialmente na perda) das próprias habilidades de antecipação e controle de cenários presentes e futuros.

[...] na idade moderna, Descartes inaugura a ciência em sua acepção “matemática”, isto é, “antecipadora”, considera que não se pode fazer ciência deixando-se submergir pela torrente de informações que vêm da observação

da natureza, mas que é preciso antecipar o esquema hipotético e ver se a natureza corresponde a esse esquema (GALIMBERTI, 2006, p. 214).

Todavia, é inegável que Galimberti reconheça a importância da técnica na sobrevivência e evolução humana, destacando a capacidade humana de construção de um mundo para si, compensando a sua carência biológica de ferramentas. A confiança do filósofo italiano na capacidade de antecipação do homem, indica uma postura de otimismo em relação ao potencial humano de enfrentamento aos desafios impostos pela técnica.

De fato, é preciso evitar que a idade da técnica marque esse ponto absolutamente novo na história, e talvez irreversível, onde a pergunta não é mais: “O que nós podemos fazer com a técnica?”, mas: “O que a técnica pode fazer conosco?” (GALIMBERTI, 2006, p. 829).

Galimberti entende que a capacidade humana da antecipação é inerente à espécie e que ela desempenha um papel crucial na atribuição de significado, na compreensão e na adaptação ativa dos seres humanos às mudanças do mundo. Portanto, o autor possui uma certa expectativa quanto à capacidade humana de enfrentar os desafios da vida, incluindo aqueles relacionados à tecnologia na **Idade da Técnica**.

De fato, é a antecipação da ação futura que faz emergir o significado das coisas, mas essa antecipação é evento simbólico. É a antecipação da ação futura que decide se uma coisa é “meio”; por isso, se a ação futura é o ato de “beber”, então o copo é um recipiente de água; mas, se a ação futura o ato de “agredir”, então o copo é um objeto contundente. As coisas, em si, estão disponíveis para todos os significados; quem lhes atribui um significado [...] é a antecipação das ações futuras, mas essas antecipações são justamente símbolos, que, portanto, não significam, mas agem, e a sua ação é a atribuição de significado, da qual depende o uso da coisa (GALIMBERTI, 2006, p. 214).

Terceiro, viu-se em *Psiche e Techne* uma perspectiva positiva no que concerne ao poder humano de criar e antecipar um mundo. Assim, o italiano trata a **imaginação** como uma força que supera a separação temporal entre o imaginário e o real: é a imaginação, então, que permite aos humanos tornarem o inexistente, existente, e produzindo um significado para percepção de um mundo habitável. Portanto, Galimberti reconhece a capacidade que a imaginação não se restringe a representar o que já é presente; é a imaginação que nos possibilita antecipar e construir cenários possíveis, introduzindo, assim, um espaço para a inovação e para a expansão do mundo perceptível. Nesse sentido, a imaginação é central quando se trata de enfrentarmos desafios tecnológicos.

Entre o imaginário e o real sempre existiu aquele desnível temporal que permite ao imaginário tornar presente o ausente e assim antecipar a criação de um mundo. Captando no dado aquilo a que o dado remete, a imaginação capta no futuro esse complemento de sentido de que é carente o dado percebido (GALIMBERTI, 2006, p. 729).

Galimberti é explícito ao afirmar que o ser humano: (1) adapta o mundo às suas necessidades; (2) antecipa cenários habitáveis e perceptíveis; e (3) tem a imaginação como aliada para enfrentar os desafios, inclusive os tecnológicos. Isso mostra que, para o italiano, não se está condenado inapelavelmente à **Idade da Técnica**. Isso porque aquelas três capacidades humanas, para Galimberti, são contrapontos essenciais ao **Absoluto da Técnica**. Então, quando se olha para a

obra *Psiche e Techne*, descobre-se que não há um fatalismo quando se trata do Absoluto desse tempo. Pode-se alinhar Galimberti a visões filosóficas sombrias e até aproximá-lo de tradições de pensamento românticas, mas, ainda que seja exagerado considerar Galimberti um filósofo **tecno-otimista**¹⁰, é seguro afirmar que *Psiche e Techne* não é uma obra **antitecnológica**. O texto apresenta elementos que permitem interpretar que a técnica, por si só, oferece aos seres humanos os meios para despertar e reconhecer o Absoluto vigente na Idade da Técnica. Essa "ampliação psíquica" (GALIMBERTI, 2006, p. 829) abriria a possibilidade de inventar recursos capazes de evitar a própria extinção humana. Nas palavras do filósofo italiano:

Essa ampliação psíquica, longe de ser suficiente para dominar a técnica, evita pelo menos que a técnica aconteça sem que o homem o saiba e, de condição essencial para a existência humana, se traduza em causa da sua extinção (GALIMBERTI, 2006, p. 829).

5 CONCLUSÃO

Umberto Galimberti é um nome de referência para o pensamento filosófico italiano na contemporaneidade, com destaque especial para as reflexões dele sobre a sociedade tecnológica e influências na psique humana. Essa, aliás, é a grande preocupação de *Psiche e Techne*, onde se afirma que a **Técnica** tornou-se o **Absoluto** da condição humana. Apesar disso, as reflexões galimbertianas sobre a Técnica não estão devidamente incluídas em obras de referência em FdT.

A Filosofia da Tecnologia de Galimberti recorre a várias referências intelectuais para concluir que o ser humano moderno, imerso na **Idade da Técnica**, acabou reduzido à condição de mera extensão (ou meio) do aparato técnico. Algumas das teses de Galimberti, profundamente influenciadas por Heidegger, Nietzsche e Severino, até podem passar a impressão de que ele seria um filósofo que enfatiza exclusivamente os pontos negativos da tecnologia. Mas assinala-se que, para o italiano, as capacidades humanas de **adaptação**, **antecipação** e **imaginação** são meios para se resistir à alienação tecnológica. Assim, uma vez que é possível restaurar a condição humana de sujeitos em um mundo moderno, isto é, que os meios técnicos não sejam mais os fins das ações humanas, não há razão para interpretar o pensamento galimbertiano como **tecnopessimista**.

Conclui-se com a interpretação segundo a qual a visão de Galimberti sobre a **Idade da Técnica** como um período de dominação técnica encerra uma abordagem crítica a qual projeta um horizonte no qual o ser humano possa libertar-se de sua condição tecnologicamente dominada (alienada). Essa conclusão, entretanto, não deve nos levar a pensar que o autor de *Psiche e Techne* ignore os aspectos nocivos da tecnologia - o que o tornaria, por seu turno, um tecnocrata ou um tecno-otimista ingênuo.

UMBERTO GALIMBERTI: A TECHNOPESSIMIST PHILOSOPHER?

ABSTRACT

In *Psiche and Techne*, Umberto Galimberti asserts that Technology has become the Absolute of the human condition. Therefore, says the Italian philosopher of technology, the modern human, living in the Age of Technology, has ultimately been reduced to a mere extension (or means) of the technical apparatus. This article aims to (1) position Galimberti's thought in the contemporary landscape of Italian Philosophy of Technology, (2) explore how Galimberti's perspective appropriates ideas from M. Heidegger, F. Nietzsche, and E. Severino, and (3) discuss whether it is appropriate to consider Galimberti as a technopessimist philosopher. We conclude that Galimberti acknowledges how certain human capacities (adaptation, anticipation, and imagination) can restore our condition as subjects, rather than objects of technological alienation.

KEYWORDS: Philosophy of Technology. Umberto Galimberti. Technology as Absolute. Technopessimist. Age of Technology.

NOTAS

1. Por exemplo, Dusek (2009), Scharff; Dusek (2014) ou Coeckelbergh (2019).
2. Galimberti traduziu de Jaspers as seguintes obras: *Sulla verità (raccolta antologica) [Sobre a verdade (coletânea antológica)]* (1970), *La fede filosofica [A fé filosófica]* (1973) e *Filosofia* (1978). Como tradutor, Galimberti também trabalhou em escritos de Martin Heidegger, destacando-se *Sull'essenza della verità [Sobre a essência da verdade]* (1973).
3. Obras de Galimberti disponíveis em português: *Rastros do sagrado* (2003) do original *Orme del sacro*; *Os vícios capitais e os novos vícios* (2004) de *I vizi capitali e i nuovi vizi*; *Coisas do amor* (2009) de *Le cose dell'amore*; e *Dicionário de Psicologia* (2010) de *Dizionario di psicologia*.
4. Galimberti ressalta: “recorda Nietzsche: ‘O homem em si, o homem absoluto, não possui nem dignidade, nem direitos, nem deveres’, mas significa realizar para todos essa liberdade que os gregos consideravam possível para poucos: portanto, realizar não idealisticamente, mas materialmente essa liberdade” (GALIMBERTI, 2006, p. 654).
5. Galimberti assevera: “Heidegger não vê outra coisa senão uma reproposição do conceito grego de *verdade (alétheia)*, como passagem do oculto (*léthe*) ao manifesto (*a-létheia*), e por isso pode dizer que: *A essência da técnica não é nada de técnico [das Wesen der Technik nichts Technisches ist]*” (GALIMBERTI, 2006, p. 547).
6. “Já só um deus nos pode ainda salvar”. Entrevista concedida por Martin Heidegger à revista alemã *Der Spiegel* publicada no número 23, de 1976. Tradução e notas de Irene Borges-Duarte.
7. Galimberti destaca: “A cultura ocidental pode ter a capacidade de estabelecer nenhum limite à agressão do ente, que a técnica vai levando cada vez mais a fundo [...] porque a essência de tal cultura é o niilismo metafísico, de que a técnica é a mais radical e rigorosa realização. [...] Se algo não é *technikón* – isto é, se não produz ou não é produzida, ou não entra no processo de produzir-ser-produzido – então não é, ou seja, é um nada. A *anthropíne téchne* foi hoje completamente substituída pela *theîa téchne*, mas o sentido do ser permanece ainda hoje idêntico àquele estabelecido por Platão uma vez por todas na história do Ocidente. Deus e a técnica moderna são as duas fundamentais expressões do niilismo metafísico”. (SEVERINO, 1969 *apud* GALIMBERTI, 2006, p. 705-706).
8. Galimberti escreve: “torna-se inevitável a subordinação dos objetivos ideológicos à força e à eficácia do Aparato, ou seja, à sua capacidade de realizar objetivos. Tal subordinação é o modo específico como a civilização da técnica leva ao ocaso das ideologias. Já de per si o Aparato (e todas as suas frações) possui um objetivo. Não se trata do objetivo ideológico, para cuja realização a ideologia se serve do Aparato como meio e instrumento: trata-se, justamente, do objetivo que o Aparato possui por si mesmo, e que consiste em adquirir uma capacidade cada vez mais crescente de realizar objetivos em geral. O objetivo que o Aparato possui por si mesmo é o aumento indefinido da força, isto é, da sua capacidade de realizar um tipo qualquer de objetivo” (SEVERINO, 1989 *apud* GALIMBERTI, 2006, p. 446).
9. Marx (2013) construiu uma análise do conceito de tecnopessimismo relacionando-o às mudanças sociais e culturais, além do questionamento sobre a

aplicabilidade das tecnologias, e se essas têm cumprido as promessas de melhorar a vida ou causar mais problemas que soluções. Ele também examinou como essas atitudes pessimistas podem influenciar movimentos culturais e filosóficos, como o pós-modernismo, que muitas vezes questiona narrativas de progresso ilimitado associadas à tecnologia.

10. Sobre o conceito de tecno-otimismo, Königs (2022) construiu uma análise que ajuda a definir um tecno-otimista. A qualificação de um filósofo como um tecno-otimista está condicionada à maneira como ele distribui os impactos associados a uma tecnologia, ou à tecnologia como um todo, e se essa distribuição do impacto é considerada favorável ou não ao conjunto da sociedade.

REFERÊNCIAS

ACHTERHUIS, H. **American Philosophy of Technology: The Empirical Turn**. Bloomington: Indiana University Press, 2001. 192 p.

ARTICA, A.; ALMEIDA, S. R. V.; GHEDIN, E. Relação entre técnica, ciência e tecnologia: um olhar filosófico de Habermas e Galimberti. **Revista Eletrônica PESQUISEDUCA**. Santos, v. 15, n. 39, p. 544-558, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/1523>. Acesso em: 2 jan. 2024.

AZAMBUJA, C. C. A Natureza da Técnica: crítica do caráter instrumental do conceito de técnica. **Pensando – Revista de Filosofia**. Teresina, v. 8, n. 15, p. 166-182, 2017. Disponível em: <https://www.ojs.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/5937/3703>. Acesso em: 29 nov. 2023.

AZAMBUJA, C. C.; DIEHL, M. R.; CHAVES, C. W. Umberto Galimberti: A idade da técnica e o futuro da humanidade. *In*: OLIVEIRA, J. **Filosofia da Tecnologia: seus autores e seus problemas – v. 2**. Caxias do Sul: Educs, 2022. p. 313-321.

BIMBER, B. Karl Marx and the Three Faces of Technological Determinism. **Social Studies of Science**. Thousand Oaks, v. 20, n. 2, p. 333-351, 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/285094>. Acesso em: 9 nov. 2023.

CERA, A. The Technocene of Technology as (Neo)Environment. *In*: LEMMENS, P.; BLOK, V.; ZWIER, J. **Techné: Research in Philosophy and Technology**. Lancaster, v. 21, n. 2-3, 2017, p. 243-281.

CHIODO, S.; SCHIAFFONATI, V. The Italian Philosophy of Technology. *In*: CHIODO, S.; SCHIAFFONATI, V. (Org.). **Italian Philosophy of Technology: Socio-Cultural, Legal, Scientific and Aesthetic Perspectives on Technology**. Cham: Springer Switzerland, 2021, p. 1-9.

COECKELBERGH, M. **Introduction to Philosophy of Technology**. Oxford: Oxford University Press, 2019. 336 p.

CUPANI, A. **Filosofia da tecnologia**: um convite. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2016. 233 p.

DUSEK, V. **Filosofia da Tecnologia**. São Paulo: Ed. Loyola, 2009. 312 p.

FERRÉ, F. **Philosophy of Technology**. Athens: University of Georgia Press, 1995. 149 p.

FRANSSEN, M.; LOKHORST, G-J.; VAN DE POEL, I. (VI) Filosofia da Tecnologia. In: OLIVEIRA, T. L. T. de (Org.). **Série Investigação Filosófica**. Tradução: CRUZ, C. C.; ABRAHÃO, L. NEPFI Online: Pelotas, 2021, p. 247-300. Disponível em: <https://encurtador.com.br/hjSUX>. Acesso em: 12 dez. 2021.

GALIMBERTI, U. **Autore Umberto Galimberti**. Milão: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2017. Disponível em: <http://umbertogalimberti.feltrinellieditore.it/autore/>. Acesso em: 09 jan. 2022.

GALIMBERTI, U. **Psiche e Techne**: o homem na idade da técnica. São Paulo: Paulus, 2006. 918 p.

GUAY, R. Nietzsche on Freedom. **European Journal of Philosophy**. Oxford, v. 10, n. 3, p. 302-327, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1468-0378.00164>. Acesso em: 15 dez. 2023.

HEIDEGGER, M. A questão de técnica. **Scientia studia**. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-398, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ss/article/view/11117>. Acesso em: 14 jun. 2022.

HEIDEGGER, M. **Ensaios e conferências**. 8. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. 269 p.

HOLLOWCHAK, M. A. Technology and Freudian Discontent: Freud's 'Muffled' Meliorism and the Problem of Human Annihilation. **Sophia**. Dordrecht-Berlin, v. 49, n. 1, p. 95-111, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/226425098_Technology_and_Freudian_Discontent_Freud's'_Muffled'_Meliorism_and_the_Problem_of_Human_Annihilation. Acesso em: 02 jan. 2024.

IHDE, D. **Philosophy of Technology**: An Introduction (Paragon Issues in Philosophy). Nova York: Paragon House, 1998. 157p.

KÖNIGS, P. What is Techno-Optimism? **Philosophy & Technology**. Berlim, v. 35, n. 3, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s13347-022-00555-x>. Acesso em: 05 jan. 2024.

MARX, L. The Idea of "Technology" and Postmodern Pessimism. *In*: SEGAL, H. P. (Org.). **Technology, Pessimism, And Postmodernism**. 4. ed. Heidelberg: Springer Netherlands, 2013, cap. 2, p. 11-28.

MITCHAM, C. **Thinking Through Technology**: The Path between Engineering and Philosophy. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

NIETZSCHE, F. **Cinco Prefácios Para Cinco Livros**. Tradução e prefácio Pedro Sússekind. 2 ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 1996.

OAKLANDER, L. N. Nietzsche On Freedom. **The Southern Journal of Philosophy**. Memphis, v. 22, n. 2, p. 211-222, 1984. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.2041-6962.1984.tb00338.x>. Acesso em: 28 nov. 2023.

PECORARO, R. Emanuele Severino: a essência do niilismo o destino da técnica. *In*: OLIVEIRA, J. (Org.). **Filosofia da Tecnologia**: seus autores e seus problemas. Caxias do Sul: Educs, 2020. p. 261-269.

SCHARFF, R. C.; DUSEK, V. **Philosophy of Technology**: The Technological Condition (An Anthology). Hoboken: Wiley-Blackwell, 2014. 736p.

SEVERINO, E. **Essenza del nichilismo**. Milão: Adelphi, 1972. 442p.

VERBEEK, P-P. The Empirical Turn. *In*: VALLOR, S (Org.). **The Oxford Handbook of Philosophy of Technology**. Oxford: Oxford University Press, 2022, p. 35-54.

VERČ, J. Umberto Galimberti: Man in the Age of Technics. **Phainomena**: Selected Essays in Contemporary Italian Philosophy. Liubliana, 2012, v. XXI, n. 82-83, p. 127-144. nov. 2012. Disponível em: <https://www.phainomena.com/wp-content/uploads/2019/11/Revija-Phainomena-%C5%A1tevilka-82-83-Izbrani-spisi-iz-sodobne-italijanske-filozofije.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2023.

Recebido: 9 fev. 2024.
Aprovado: 15 fev. 2025.
DOI: 10.3895/rbect.v18n1.18151
Como citar: LANZA, R. D.; ABRAHÃO, L. H. L. Umberto Galimberti: Um filósofo tecnopessimista? **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 18, p. 1-21, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/18151>>. Acesso em: XX.
Correspondência: Rafael Diniz Lanza - rafalanza@gmail.com
Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

